

jornal da **UFC**

EXPANSÃO RUMO À EXCELÊNCIA

Reitor Jesualdo Farias inicia nova gestão no segundo semestre. O dirigente analisa conquistas do ciclo anterior e destaca prioridades do próximo

PÁGINA 3



GENTE QUE FAZ A UFC

Elízio Aires Cartaxo

Dedicação à cultura desde os tempos de estudante

PÁGINA 7



MOBILIDADE URBANA EXIGE ALTERNATIVAS

PÁGINAS 8 e 9

Brinquedos do mundo

Exposição em cartaz no Museu de Arte da UFC (Mauc) apresenta o universo lúdico de várias culturas

PÁGINA 4

Psicologia comunitária

Núcleo da UFC completa 30 anos de trabalho junto a comunidades parceiras

PÁGINA 5

Cuidados com a voz

Profissionais de saúde alertam para doenças causadas por mau uso da voz pelos docentes

PÁGINA 6

Esportes de alto rendimento

O Ceará como destaque no esporte nacional e curiosidades sobre as Olimpíadas

PÁGINA 16



O legado de Luiz Gonzaga para a música brasileira

PÁGINA 10 e 11



Atitudes práticas para uma vida sustentável

PÁGINA 12 e 13





Editorial

Até quando a mobilidade urbana será um desafio?

Em 1977, moradores das Capitais e Regiões Metropolitanas brasileiras possuíam mais opções de deslocamento, dentre automóveis individuais, ônibus, trens, barcas, táxis e bondes. Cerca de 30 anos depois, as alternativas se resumiam a duas: transporte coletivo (maciçamente ônibus) e transporte motorizado individual. Os dados são da pesquisa “Infraestrutura Social e Urbana no Brasil: subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas”, divulgada em 2011 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Com maior demanda e opções cada vez mais restritas, não é surpresa que locomover-se nas grandes cidades tenha se tornado sinônimo de estresse.

Abril deste ano sinalizou um avanço do Governo Federal, com a entrada em vigor da Lei nº 12.587/2012, intitulada Lei da Mobilidade Urbana. A legislação, sancionada em janeiro, institui os principais eixos da Política Nacional de Mobilidade Urbana e dá prioridade a meios de transporte não motorizados e ao serviço público coletivo, além da integração entre os modos e serviços de transporte urbano. Paralelamente, a segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) prevê a construção de 8 mil km de rodovias e a manutenção de outros 55 mil km já existentes. Só o tempo dirá se a Lei de Mobilidade Urbana será realmente eficiente na garantia de sustentabilidade para as cidades. Mas já é possível traçar um pré-diagnóstico sobre os principais problemas e uma possível mudança de atitude. É o que o *Jornal da UFC* traz na reportagem das páginas 8 e 9.

A Conferência das Nações Unidas para a Sustentabilidade (Rio+20), encerrada no dia 22 de junho na cidade do Rio de Janeiro, motiva-nos a pensar em outra questão: como incluir em nossas vidas a sustentabilidade, ultrapassando o mero discurso? Conheça, nas páginas 12 e 13, pessoas que possuem atitudes práticas para manter-se em harmonia com o mundo e seus semelhantes.

Em agosto, Luiz Gonzaga do Nascimento estaria completando 100 anos. O pernambucano, conhecido como Rei do Baião, levou a todo o Brasil o sotaque, a alegria e a identidade nordestinas em sua longa carreira. A reportagem das páginas 10 e 11 detalha a importância da obra de Gonzagão e seu legado para a música popular brasileira.

Na entrevista desta edição, o Reitor Jesualdo Pereira Farias faz um balanço de sua primeira gestão e revela os principais eixos da segunda, que deverá ser iniciada em meados do próximo semestre. Ele lista os avanços da UFC nos últimos anos e os desafios para os seguintes.

O *JU* traz ainda o aniversário de 30 anos do Núcleo de Psicologia Comunitária, um alerta aos professores sobre a utilização indevida da voz e uma exposição sobre jogos e brinquedos do mundo, ideal para visitar com as crianças durante as férias.

Abraço e boa leitura!

A Editora



Expediente

COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E MARKETING INSTITUCIONAL: Paulo Mamede. ACESSOR DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL: Italo Gurgel. EDIÇÃO: Simone Faustino. DIREÇÃO DE ARTE: Diego Normandi. TEXTOS: Carmina Dias, Cleisyane Quintino, Cristiane Pimentel, Gabriela Alencar (estagiária), Inês Aparecida, Lorena Alves, Sílvia Marta Costa e Simone Faustino. REVISÃO: Maria das Dores de O. Filgueira e Sílvia Marta Costa. FOTOS: Davi Pinheiro, Diego Normandi e Júnior Panela. PROJETO GRÁFICO: Yuri Leonardo. DIAGRAMAÇÃO: Mônica Marques, Yuri Leonardo e Thaíssa Barros. IMPRESSÃO: Expressão Gráfica. ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DA UFC: REITOR: Jesualdo Pereira Farias. VICE-REITOR: Henry de Holanda Campos. CHEFE DE GABINETE DO REITOR: José Maria de Sales Andrade Neto. PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO: Denise Maria Moreira Chagas Corrêa. PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Custódio Luís Silva de Almeida. PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS: Ciro Nogueira Filho. PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO: Gil de Aquino Farias. PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Antônio Salvador da Rocha. PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO: Ernesto da Silva Pitombeira. SUPERINTENDENTE DE RECURSOS HUMANOS: Fernando Henrique Monteiro Carvalho. PROCURADOR-GERAL: Paulo Antônio de M. Albuquerque. APOIO: Banco do Nordeste do Brasil

Artigos e/ou matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal ou da UFC.

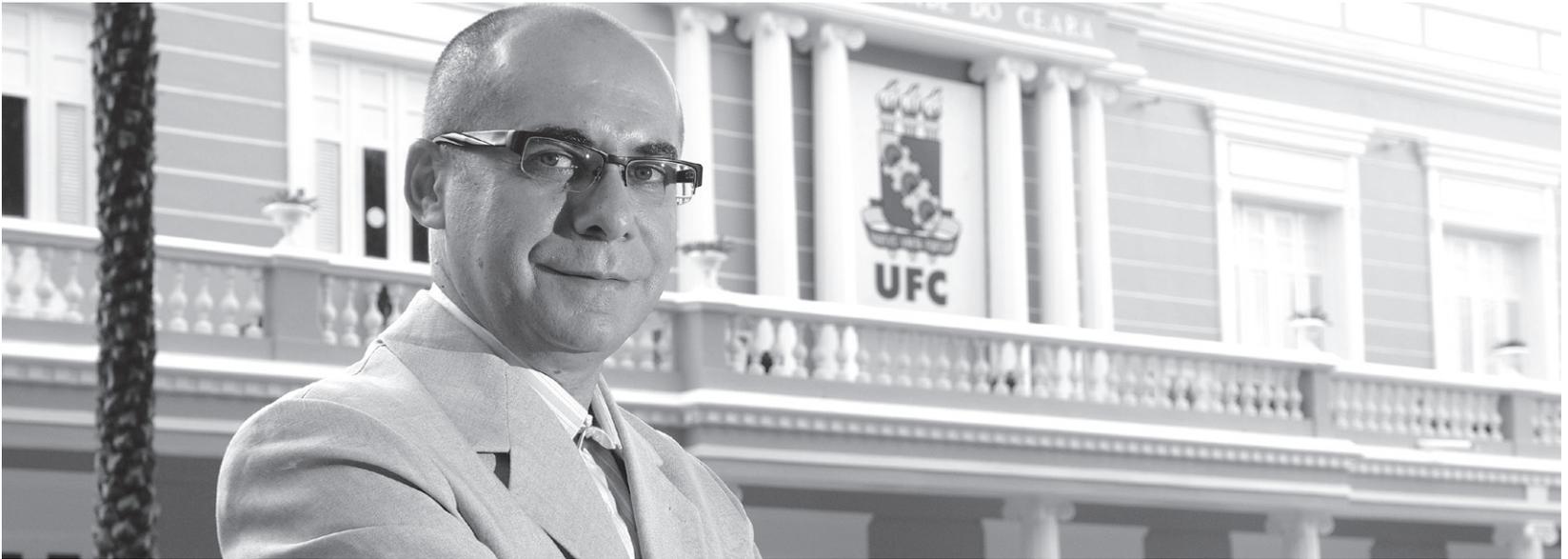
REDAÇÃO: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza-CE - CEP: 60020-181 - ufcinforma@ufc.br
FONES: (85) 3366. 7330 - 3366. 7331 - 3366. 7319.



Conexão direta entre Pesquisador e Universidade

A Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura apoia, há 34 anos, projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura na Universidade Federal do Ceará, valorizando o saber e preparando estudantes profissionais para o futuro.

www.fcpc.ufc.br



“A grande Universidade que estamos construindo é uma obra coletiva”

Ele esteve à frente da Universidade em um momento histórico que pode ser encarado como ciclo da expansão. O Prof. Jesualdo Pereira Farias, escolhido em consulta à comunidade universitária para o quadriênio 2012-2016, teve gestão marcada pela descentralização, avaliação continuada e pela busca da excelência acadêmica. Em entrevista ao *Jornal da UFC*, o dirigente comenta os resultados de seu primeiro mandato e antecipa os planos para o segundo. Reconhece ainda que, para além da ampliação de vagas, cursos e infraestrutura, ainda há muito o que avançar.

Jornal da UFC – Como o senhor avalia o resultado da consulta para Reitor?
Jesualdo Pereira Farias – O resultado da consulta representou o desejo da comunidade, considerando a especificidade do processo. Tivemos uma expressiva votação dos docentes e uma participação regular dos discentes e servidores técnico-administrativos. Ressalte-se que tanto o DCE quanto o SINTUFCE fizeram campanha para a não participação de seus associados na consulta.

J.U. – Pela primeira vez na história da UFC apenas uma chapa concorreu aos cargos de Reitor e Vice-Reitor. A que atribui esse fato?

JPF – Acredito que parte significativa da comunidade universitária compreende o esforço que a Administração Superior está fazendo para atender as reivindicações de todos os segmentos, numa tarefa que objetiva resga-

tar o passivo de décadas. Os avanços registrados nos últimos quatro anos se devem a um trabalho conjunto de professores, servidores técnico-administrativos e estudantes. A grande Universidade que estamos construindo, aquela da qual todos os cearenses irão cada vez mais orgulhar-se, vem ganhando forma como uma obra coletiva. Quem sabe esses pontos tenham sido motivadores da ausência de outra chapa.

J.U. – Qual a mensagem que o senhor levou à comunidade universitária durante os 17 dias de campanha?

JPF – Fiz uma espécie de prestação de contas do trabalho realizado nos últimos quatro anos. Mostrei a acelerada expansão da UFC sempre comprometida com a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Costumo dizer que fizemos uma outra Universidade dentro da UFC, graças à recuperação do financiamento, após sua adesão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Nossa Instituição redimensionou sua infraestrutura em mais de 60%, ao mesmo tempo em que multiplicou os cursos de graduação e de pós-graduação, na Capital e no Interior.

J.U. – Vê-se que sua primeira gestão se caracteriza como o ciclo da expansão. O que podemos destacar no período?

JPF – Surgiram 30 novos cursos de graduação, 15 de mestrado e 20 de doutorado. Laboratórios foram modernizados, dezenas de milhares de livros adquiridos. Os quadros docente e técnico-administrativo estão sendo recompostos. Através de concurso pú-

RENOVAÇÃO

Os quadros docente e técnico-administrativo estão sendo recompostos. Ingressaram na UFC via concurso mais de 800 professores e 500 servidores.

blico ingressaram na UFC mais de 800 professores e 500 técnico-administrativos. Para nosso orgulho, temos um quadro com mais de 1.300 doutores.

J.U. – Qual o papel reservado para o Complexo Hospitalar para o próximo quadriênio?

JPF – No nosso primeiro mandato, o Hospital Universitário e a Maternidade-Escola passaram por intervenções significativas, com investimentos de cerca de R\$ 15 milhões. Está prestes a ser inaugurado o aparelho de ressonância magnética, que custou R\$ 1,7 milhão e será o segundo do Ceará a funcionar em hospital público. No segundo semestre será instalado um equipamento para tomografia e outro para endoscopia. Até 2014, o HUWC contará com 48 novos leitos de UTI e a MEAC com 60 leitos e UTI neonatal. A previsão de investimentos no Complexo é de R\$ 110 milhões.

J.U. – A expansão ampliou vagas e trouxe a necessidade de intensificar a assistência estudantil. O que foi feito no setor?

JPF – Foi dada uma atenção especial à assistência estudantil e destacado, dentre outras ações, o cresci-

mento do programa de Bolsas de Iniciação Acadêmica, que passaram de 260 em 2007 para 900 em 2012. As políticas de ajuda de custo, que beneficiaram mais de 2.000 estudantes em 2011 e o apoio à participação em eventos, que atingiu outros 1.700. Inauguramos uma Residência Universitária, no Campus do Pici, um pleito antigo dos estudantes, e expandimos o programa de Auxílio-Moradia, que hoje atende a mais de 600 estudantes em Fortaleza e nos campi de Sobral, Cariri e Quixadá. O programa de alimentação elevou o número de refeições diárias de 2.300, em 2007, para 8.400 neste ano.

J.U. – O que está planejado para o quadriênio 2012/2016?

JPF – Consolidar o que foi iniciado. Não temos um projeto acabado, tendo em vista que convocamos grupos de trabalho temáticos para, de junho a setembro, apresentarem propostas. Vamos continuar na defesa da autonomia universitária, da gestão democrática, da gratuidade do ensino público e do compromisso social. Continuaremos na busca da excelência acadêmica. Estamos comprometidos com a descentralização, o planejamento participativo e a avaliação continuada. A valorização permanente dos recursos humanos da UFC é outro ponto que nos comprometemos a incluir entre as prioridades. Outra tarefa que teremos de cumprir será a da criação da Universidade Federal do Cariri, na estrutura correspondente hoje ao Campus do Cariri da UFC, que inclui Juazeiro do Norte, Barbalha e Crato.



A mostra reúne acervo que inclui dos tradicionais brinquedos de montar populares em vários países aos jogos de caráter étnico, trazidos da África e do Oriente

A universal arte de brincar

Museu de Arte da UFC recebe exposição sobre jogos e brinquedos de diferentes culturas ao redor do mundo

Logo ao entrar, o visitante – seja ele adulto ou criança – é recepcionado por brinquedos de montar, espalhados em um tapete. Alguns passos adiante, fica difícil até saber por onde começar: pelúcias emolduram a projeção de um documentário sobre os jogos da cultura indígena; jogos de tabuleiro instigam a imaginação com suas regras e estratégias; bonecas de pano são penduradas aos montes, das mais humildes às mais elaboradas. Para visitar a exposição “Jogos e brinquedos do mundo: seus contextos e manifestações”, em cartaz até agosto no Museu de Arte da UFC (MAUC), é preciso despojar-se dos preconceitos, deixar-se encantar.

O espaço está aberto a visitas espontâneas e guiadas, sendo possível o agendamento de escolas e outras instituições. “O acervo foi composto por minha coleção particular, que fui catalogando em viagens pelo mundo, e por brinquedos das minhas filhas Vitória e Melissa. Tem brinquedos do tradicional ao eletrônico, além de jogos cooperativos alemães, peças africanas, europeias e indígenas”, enumera o Prof. Marcos Teodorico Pinheiro, curador da mostra e coordenador do Museu da Infância e do Brinquedo da Universidade Federal do Ceará, que teve como primeira atividade a exposição.

Muita gente associa o ato de brincar ao aspecto material, ou seja, do brinquedo concreto. Mas o imagi-



IMATERIAL

A ação lúdica não precisa ter material, ser concreta. É o repertório de experiências da pessoa que se transforma em bagagem para ela brincar. (Prof. Marcos Teodorico)

nário extrapola as fronteiras físicas e torna a brincadeira algo imaterial. “Pode-se brincar com uma castanha de caju, um galho, com água, com o vento. A ação lúdica não precisa ter material, ser concreta. É o repertório de experiências da pessoa que se transforma em bagagem para ela brincar”, explica o Prof. Marcos Teodorico. O percurso pelo Museu assemelha-se a uma volta ao mundo, não como aquela de Julio Verne, mas intensa e repleta de memórias. Piões de madeira evocam tempos em que crianças brincavam na rua, enquanto as multicoloridas Matrioshkas (bonecas de origem russa) chamam atenção. Ao lado, repousam um jogo africano de madeira, conhecido como Mankala, e um inusitado dominó circular francês.

Para o diretor do Instituto de Educação Física e Esportes (Iefes), Prof. Antonio Barroso Lima, é uma

honra que a exposição divida o ambiente com o valioso patrimônio artístico do MAUC. “O Instituto vive um grande momento, de interagir com a sociedade. A integração entre cultura, arte e esporte possui abrangência infinita”, afirma. Opinião semelhante tem o Pró-Reitor de Extensão da UFC, Prof. Antonio Salvador da Rocha: “O conhecimento, o saber, a tecnologia sempre estão presentes, por mais simples que sejam os brinquedos. É uma oportunidade única de conhecer outras culturas”.

Percorrendo as vitrines da exposição, a estudante Paula Raquel, de 17 anos, reviveu momentos da sua infância. A jovem visitou o MAUC com colegas de turma da Escola de

Ensino Fundamental e Médio José Maria Pontes, de Caucaia. “Foi importante ter contato com toda essa variedade de brinquedos, porque, hoje em dia, as pessoas só valorizam a tecnologia”, opina. A proposta de trazer a turma partiu do Prof. Eduardo Bernardino Rodrigues, que ministra na escola a disciplina de Educação Física. “Conheço o trabalho do Laboratório de Brinquedos e Jogos há dois anos e estou desenvolvendo trabalho semelhante com alunos de 3º Ano sobre jogos cooperativos. O acervo do MIB é fantástico”, avalia.

Além dos brinquedos expostos, o público pode conferir fotografias e documentários cujo tema são os passatempos lúdicos nas culturas de vários povos. “Um projeto futuro do MIB é uma exposição só sobre manifestações lúdicas das populações do Xingu”, antecipa o coordenador, acrescentando que, se o movimento for grande durante as férias, o MAUC poderá também ser aberto aos sábados.



Paula Raquel se emocionou ao ver brinquedos que marcaram sua infância

Exposição Jogos e Brinquedos do Mundo

Local: Museu de Arte da UFC (Av. da Universidade, 2854 – Benfica)
De segunda a sexta-feira, de 8h às 11h30min e de 14h às 17h30min.

Psicologia Comunitária da UFC atua há três décadas no Ceará

Núcleo desenvolve trabalho nas cidades de Fortaleza e Apuiarés, promovendo resgate da autoestima e empoderamento nas comunidades parceiras

A superação da pobreza não se dá somente com a solução das condições materiais de vida, mas deve ser atacada, sobretudo, no plano simbólico. Comportamentos das pessoas com privação material, como a baixa autoestima, não são fáceis de serem superados, mas há quem aposte na libertação desse sujeito social. Tendo como modelo a Psicologia Social da Libertação, o Núcleo de Psicologia Comunitária (Nucom) da Universidade Federal do Ceará vem trabalhando com o conceito multidimensional de pobreza (que não é a carência somente monetária e não se resolve apenas com dinheiro). O núcleo contabiliza duas décadas em 2012, mas teve início como projeto de extensão há 30 anos.

“A pobreza cria um estigma de que a pessoa é incapaz, inválida, tanto fisicamente quanto psicologicamente”, revela a Prof^a Verônica Moraes Ximenes, pós-doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora em Psicologia pela Universidade de Barcelona. De acordo com ela, a pobreza está arraigada nesse sujeito com privações.

O trabalho do Nucom visa à construção do sujeito comunitário, através do fortalecimento da identidade individual e social, realizando atividades nas comunidades parceiras. Um dos participantes em Fortaleza é o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, ONG que há mais de 15 anos promove a qualidade de vida dos moradores daquele bairro, através de atividades educativas e culturais. Conforme a coordenadora geral do Movimento, Márcia Cristine Oliveira, a parceria é de grande importância para melhorar o trabalho de empoderamento da comunidade. Os estudantes atuam com cerca de 30 crianças e suas famílias e participam do planejamento das atividades, juntamente com educadores e coordenadores do Movimento.

A miséria inspira também trabalhos científicos na Universidade. Em março deste ano foram defendidas duas dissertações no mestrado em Psicologia sobre as implicações psicossociais da pobreza: “Reflexões sobre a Pobreza a partir da Identidade de Pessoas em Situação



FOCO

Dois eixos centrais das atividades de extensão do Nucom são o fortalecimento da identidade individual e social e o resgate da autoestima de pessoas em situação de pobreza.

de Rua de Fortaleza” (de autoria de James Ferreira Moura Junior) e “Juventude em Condições de Pobreza: modos de vida e fatalismo” (de Elívia Camurça Cidade).

A temática vem despertando o interesse também da mestrandia Alessandra Silva, psicóloga egressa da primeira turma formada no campus de Sobral e que participa das atividades do Nucom. Ela ainda não definiu a comunidade onde vai realizar sua pesquisa, mas é uma das que apostam na transformação social. Ainda no âmbito da pesquisa, o projeto “Impactos da pobreza no desenvolvimento da saúde comunitária: avaliação psicossocial das comunidades do Bom Jardim (Fortaleza) e da Canafistula (Apuiarés/Ceará)” foi contemplado pelo Edital de Ciências Humanas e Sociais no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2013 e terá andamento até o próximo ano, sob coordenação da Prof^a Verônica.

Em 2011, o Nucom foi contemplado com cinco bolsas do edital da Pró-Reitoria de Extensão sobre pobreza, com o programa “Implicações da pobreza e desenvolvimento de estratégias de fortalecimento de ações comunitárias participativas de esporte, lazer e saúde”. A primeira professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC a conquistar uma vaga como pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Verônica Ximenes, participa das atividades do Nucom desde 1988, quando era estudante e o núcleo ainda era projeto de extensão.



Experiências compartilhadas em encontros do Nucom renderam dissertações

Um pouco de história

O Nucom surgiu de um projeto de extensão iniciado em 1982 pelo Prof. Cezar Wagner de Lima Góis, um dos principais teóricos da Psicologia Comunitária no Brasil. A primeira comunidade a ser visitada pelo projeto foi o Pirambu, na periferia de Fortaleza, seguida de Pedra Branca, no Sertão Central, onde se trabalhou a formação de lideranças comunitárias. “Esses dois lugares foram o marco para se construir a Psicologia Comunitária no Ceará”, revela o Prof. Cezar Wagner.

Somente em 1992 o projeto tornou-se núcleo e conquistou sede própria, situada no Benfica. “A Universidade foi extremamente importante no apoio efetivo às nossas ações numa época em que as pessoas tinham medo de inserção

na comunidade”, conta o Prof. Cezar Wagner, reportando-se à época da Ditadura Militar.

Ao contrário do que reza a cartilha da academia, os pesquisadores da Psicologia Social não acreditam na “neutralidade científica”, pois consideram que precisam estabelecer vínculos na comunidade. A cada semestre, são realizados encontros de Psicologia Comunitária abertos à comunidade que discutem as temáticas em estudo. O próximo está previsto para o segundo semestre letivo, possivelmente em setembro. Também no segundo semestre, em agosto, o Prof. Cezar Wagner pretende lançar na UFC o livro “Psicologia Clínico-comunitária”, relatando um pouco da sua experiência na área.

Saber falar para não calar de vez

Doenças vocais não são um mal exclusivo de docentes do Ensino Básico. Mudança de hábitos e orientação evitam problemas maiores para professores universitários



Instrumento de trabalho dos docentes, a voz muitas vezes é utilizada sem os devidos cuidados



Idevaldo Barbosa sentiu os primeiros sintomas após 25 anos de docência

Neste ano, lá se vão quase 40 anos de magistério. Apaixonado pelo ofício de educador, ele acabou não percebendo, em meio ao corre-corre cotidiano, o esforço indevido que fazia: dar aula para turmas numerosas, forçar a voz para fazer-se ouvir mais alto que os ruídos externos, exposição à poeira de giz na lousa (depois substituída pelo quadro branco) e ao ar-condicionado. Para completar, ainda esquecia de beber água. Idevaldo Barbosa, professor do Departamento de Direito Público da Faculdade de Direito da UFC, percebeu, depois de 25 anos de docência, que a voz límpida transformara-se em rouca. A dor e a sensação de ressecamento fizeram-no acordar para uma realidade que acomete grande parte das pessoas que fazem uso profissional da voz.

“Comecei a sentir a garganta ressequida e dolorida, e procurei um otorrinolaringologista. Sofri de disfunção fonética e falta absoluta de voz, e acabei descobrindo que estava com calos nas cordas vocais”, relembra o professor. A demora em buscar ajuda comprometeu seu padrão vocal, agora permanentemente rouco. Idevaldo, que não bebia nem fumava, ficou surpreso com tamanho dano causado “apenas” pelo mau uso da voz. Anos atrás, ministrava disciplinas de Introdução às Ciências Humanas para Engenharias, com turmas de cerca de 120 alunos. “Na época, não havia recursos como microfone. Admito que me ressinto muito do esforço que fiz naquele período”, lamenta. A dedicação ao trabalho o fez negligenciar o problema por muito tempo, e a alternativa foi procurar um tratamento de reeducação para a voz.



ATENÇÃO

É importante buscar orientação médica ao apresentar qualquer um desses sintomas por período prolongado: rouquidão; perda da voz; dor; ressecamento na garganta; pigarro; tosse seca e sensação de corpo estranho ao engolir.

Antigamente, antes do ar-condicionado, a voz dos professores lutava contra o pó de giz e o barulho dos ventiladores. Hoje, a luta maior é contra ruídos externos, como o trânsito intenso, pois a maior parte das instalações dos campi da UFC na Capital ficam todas próximas a vias movimentadas. Já que esse tipo de agressão é constante, o ideal é que todo profissional que trabalha com a voz procure regularmente atendimento médico, aconselha o Dr. André Alencar, médico do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC). “No ambulatório do Serviço de Otorrino, atendemos professores da Universidade, mas sem muita regularidade. Os casos mais comuns são pólipos, nódulos ou disfonias decorrentes de refluxo”, informa.

Segundo o otorrino, o professor, independente de lecionar no Ensino Básico ou Superior, está sujeito a nódulos ou calos, pólipos e outras lesões fonotraumáticas, assim como disfonias funcionais, sem causa orgânica

visível. Uma delas é a fonoastenia ou cansaço vocal crônico. André orienta que qualquer rouquidão precisa ser investigada, principalmente se durar mais de 15 dias e se o paciente for fumante. Essa atitude preventiva leva ao diagnóstico precoce de doenças graves, como o câncer de laringe, que, na fase inicial, tem um percentual de cura de 98%. “No caso dos nódulos, o mais comum é a indicação de fonoterapia, que dura, em média, de três a seis meses”, afirma. Nesta etapa, começa o trabalho de outro profissional da saúde importantíssimo no processo de cura: o fonoaudiólogo.

A possibilidade de recuperação e a duração do tratamento variam de pessoa para pessoa, adverte o fonoaudiólogo Rafael George. “A reabilitação depende da assiduidade e do compromisso do paciente quanto aos exercícios propostos pelo terapeuta”, diz. Ele aponta como fatores de risco determinantes fumo, álcool, poluição, drogas inalatórias e alimentação desregrada. Mas a origem do desconforto pode ser devida também a alergias, refluxo gastroesofágico, exposição a ar-condicionado, mudanças de temperatura e até alterações hormonais.

Para o fonoaudiólogo, que já trabalhou no atendimento a professores da Prefeitura Municipal de Fortaleza, falta esclarecimento da população sobre a forma de usar a voz. “Na minha prática clínica, não é comum o atendimento a professores universitários, porém alguns problemas são encontrados nos professores em tratamento fonoaudiológico: falta de ar ao falar, dor na região das pregas vocais, ardor e garganta seca”, enumera.

Servidores docentes ou técnico-

-administrativos da UFC que necessitam de licença médica precisam procurar a Divisão Médico-Odontológica (DMO) da Universidade. No caso de afastamento para tratamento vocal, uma equipe de médicos peritos avalia laudos médicos e aprova ou não a concessão do período solicitado. Todas as avaliações devem ser agendadas previamente.

O Prof. Idevaldo Barbosa está satisfeito de ter voltado à sala de aula após período de licença para tratar seu quadro clínico. Embora os calos continuem lá, segue ministrando aulas de Direito Administrativo na Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo (FEAAC). “Tenho só certos cuidados em manter repouso vocal. Também não posso consumir coisas muito geladas, nem muito quentes. Tenho tentado obedecer às orientações”, revela. O docente acha que a própria Instituição precisa orientar os profissionais recém-ingressos a cuidarem da voz, já que o problema é real e recorrente. Sua palavra de ordem agora é prevenção. Dar aula, só se for com roupas confortáveis, depois de refeições leves e com a garrafinha de água do lado. 

Ambulatório de Otorrinolaringologia do HUWC

Fone: (85) 3366.8373

Divisão Médico-Odontológica da UFC

Fone: (85) 3366.7780



Arte e cultura como matérias-primas de uma vida

Saiba mais sobre a trajetória do servidor Elízio Cartaxo, que se dedica desde a época de estudante à consolidação das atividades culturais no espaço acadêmico

Em uma de suas frases mais célebres, Leonardo da Vinci afirmou que a arte diz o indizível e traduz o intraduzível. Na vida de Elízio Aires Cartaxo, servidor técnico-administrativo da Universidade Federal do Ceará, sempre houve muito a dizer e traduzir. Autodidata, caminhou pelas artes plásticas, pela música e pelo teatro, com um desejo incontido de ser e produzir mais. É difícil dizer quando a arte entrou em sua vida, mas uma das primeiras lembranças que guarda é da sensibilidade artística do pai, com quem pouco conviveu. “Perdi meu pai aos 13 anos. Quando ele estava doente, pedia para levar para o hospital tampas de caixas de sapato e lápis de cor. Ele era mestre de obras e desenhava umas casinhas coloridas com perfeição impressionante”, descreve.

Já secundarista e estudante do Liceu do Ceará, no Centro, ele ganhou de uma colega de turma um método de flauta doce. Isso só aguçou o interesse do jovem, que se engajou em diversas atividades culturais no universo escolar. Nada mais natural que continuar a trilhar o mesmo caminho como universitário. “Em 1977, entrei no curso de História da UFC. Naquela época, durante o regime militar, não havia Diretórios nem Centros Acadêmicos, então uma das coisas que os estudantes participavam eram das associações atléticas. Logo no primeiro semestre, virei integrante da Associação Atlética e Cultural do Centro de Humanidades”, conta. Na AACCH, Elízio fez história. Organizou concursos de poesia, exposições de arte, festivais de música e os Jogos Universitários, que lotavam espaços como a Quadra do CEU e a Casa de Cultura Alemã.

Um dos feitos guardados com carinho na memória foi a criação de uma cooperativa de arte, da qual fizeram parte a cantora Kátia Freitas, os músicos Aluízio Medeiros (Parahyba), Calé Alencar e Dilson Pinheiro, todos estudantes da UFC, somando-se ao então secundarista João Wanderley Militão, conhecido hoje como Pingo de Fortaleza.

O ingresso como servidor ocorreu em 1980. “Estava sendo implantado o sistema *off-set* na Imprensa



INTEGRAÇÃO

“As ações culturais da Universidade são muitas, mas ainda pontuais e concentradas em alguns indivíduos. Espero que a recém-criada Secult-Arte venha para reverter esse quadro.”
(Elízio Cartaxo)

Universitária e o Prof. Faria Guilherme, ex-diretor do CH, me avisou sobre um concurso que ia ter para arte-finalista. Fiz a prova e me tornei, ao mesmo tempo, estudante e servidor da UFC”, explica. A partir daí, Elízio não parou: fez parte do movimento trabalhista, enquanto diretor cultural e presidente da ASA UFC (hoje Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Federais no Estado do Ceará – Sintufce); vivenciou a extensão, como integrante de um projeto de educação de jovens e adultos; e acompanhou de perto a formação do patrimônio do Museu de Arte da UFC (MAUC), onde foi diretor do acervo.

O trabalho na área de apoio ao servidor começou em 2005, quando foi chamado para liderar a Divisão de Produção e Programas Culturais dentro da estrutura organizacional do Departamento de Desenvolvimento Humano, ligado à Superintendência de Recursos Humanos da UFC (DDH – SRH). O papel do setor cresceu de tal forma que veio a tornar-se um Núcleo, hoje agregador de todas as atividades culturais no âmbito da SRH. “Aqui, damos conta dos projetos Dança de Salão, Orquestra de Flautas, Grupo de Teatro (que apresentou em 2009 e 2010 Auto de Natal na Concha Acústica), Apoio à Produção Literária. Outras ações que ainda serão implantadas são cursos de Yoga, Ginástica Laboral e Biodança”, lista o entrevistado.

Fazer cultura não é mesmo fácil, seja na esfera pública ou privada. Elízio lamenta a burocracia e a falta de intercâmbio entre as diversas instâncias que produzem cultura na Universidade. “As ações culturais são

muitas, mas ainda pontuais e concentradas em alguns indivíduos. Espero que a recém-criada Secult-Arte venha para reverter esse quadro”, vislumbra.

No dia a dia de trabalho, junto à equipe, formada pelos colegas servidores Fátima Moraes, Francisco Bandeira (cedido ao MAUC) e Maria de Lourdes Oliveira (cedida ao Núcleo de Perícia e Assistência ao Servidor e Estudante da UFC), o diretor comemora o sucesso de iniciativas como a Orquestra de Flautas da UFC, já com seis anos de existência. “Ela é nosso maior motivo de orgulho, pois representa muito bem a amplitude do que realizamos aqui, reunindo

famílias em torno da cultura e resgatando a autoestima do servidor”, emociona-se.

Se fôssemos continuar a tecer as experiências deste homem, chegaríamos a uma verdadeira biografia. Perguntado se possui planos de parar, anuncia a aposentadoria para 2014. Calma, que ele prontamente explica: “Na verdade, devo ‘mudar de emprego’ em 2014. Saio da Universidade e continuo esse meu trabalho de outra forma. Tudo deve coincidir: o centenário do Ceará (time do coração), a Copa do Mundo e a inauguração de um espaço meu, através do qual espero contribuir mais ainda com a arte e a cultura”.

PERFIL

Formado em História, Elízio Aires Cartaxo é diretor do Núcleo de Produção e Programas Culturais do Departamento de Desenvolvimento Humano da SRH - UFC. Com trajetória entrelaçada à arte e à cultura, gerencia vários programas neste âmbito, voltados para os servidores docentes e técnico-administrativos da Instituição.





O estudante de Educação Física Fabrício Leomar acredita que, ao andar de bicicleta, fica em harmonia com a cidade e consigo mesmo



Desafios da mobilidade urbana

Locomover-se nas metrópoles exige cada vez mais tempo e paciência. Por isso, há quem busque alternativas ao transporte motorizado individual

Deslocar-se numa cidade grande tornou-se um percalço sem tamanho. As possibilidades de locomoção são muitas; o caminho é que está cada vez mais lento e perigoso. Até abril deste ano, aproximadamente 800 mil veículos disputavam as ruas da cidade de Fortaleza, praticamente o dobro de 10 anos atrás, segundo o Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN – CE). No Estado, esse número sobe para dois milhões.

Não são poucas as razões para questionar o uso desenfreado do meio de transporte motorizado e individual. Se antes a desculpa era conforto, o estresse causado no trânsito contraria essa justificativa. Para descongestionar as vias, faz-se urgente o investimento em políticas que fortaleçam o transporte público e meios alternativos. Melhorar a qualidade do transporte público envolve aumentar a frota de veículos, organizar e ampliar as linhas de ônibus, aumentar a segurança pública e promover integração entre os diversos meios de transporte.

Segundo a Prof^a Gislene Macêdo, do Curso de Psicologia do

Campus da UFC em Sobral, é preciso inverter a lógica de prioridades. Primeiramente, as pessoas, em seguida, os interesses econômicos. “Devemos debater o conceito de mobilidade humana, pois temos que pensar, em primeiro lugar, nas pessoas, em como elas se sentem no deslocamento, como são transformadas e transformam o lugar em que moram”, opina.

Devido às deficiências do transporte público, o estudante Fabrício Leomar, do Curso de Educação Física da UFC, resolveu abandonar o ônibus e investir nas pedaladas. Morando a cinco quilômetros do Campus do Pici, ele assegura que a volta para casa, em horários de pico, é mais rápida e prazerosa de bicicleta. “Andar de bicicleta possibilita que você tenha uma relação saudável com sua cidade e com você mesmo”, garante. O carro, segundo afirma, fica reservado apenas para os dias em que precisa levar o notebook para a faculdade. “O carro dá essa segurança. E também tem o peso (do notebook)”, justifica.

Inspirado em experiências de cidades que investiram no uso de



TRÁFEGO

Aproximadamente 800 mil veículos disputam as ruas da cidade de Fortaleza. Há dez anos, esse número era reduzido à metade.

bicicletas, Fabrício Leomar acredita que, além de ciclovias e ciclofaixas, são necessárias outras medidas para incentivar a utilização da bicicleta. “A ciclovia não é uma demanda que vá fazer com que as pessoas andem de bicicleta, tem que haver iniciativas como aluguel de bicicletas, integração com ônibus e a possibilidade de colocar a bicicleta no bagageiro do ônibus”. Ele também reclama que, em Fortaleza, muitas ciclovias são usadas para colocar lixo, além de possuírem árvores e buracos.

A pergunta crucial é: as bicicletas devem ocupar as ruas antes dos in-

vestimentos públicos ou devem impor a presença nas vias para reivindicar espaço? Para a Prof^a Gislene Macêdo, a bicicleta tem de ganhar o respeito da sociedade e do poder público. E isso só poderá ser concretizado, segundo ela, com a presença das bicicletas nas ruas. Ainda segundo a pesquisadora, aproximadamente duas mil pessoas utilizam a bicicleta, em Fortaleza, como meio de transporte urbano e em deslocamentos para o trabalho.

O servidor público Carlos Alberto Diniz, que trabalha na Superintendência de Recursos Humanos da UFC, entra nas estatísticas das pessoas que utilizam essa opção para se deslocar até o trabalho. Cansado da incerteza dos horários dos ônibus e da perda de tempo nos congestionamentos, optou por enfrentar o trânsito pedalando. “Hoje só gasto cerca de 20 minutos no deslocamento. Além disso, fisicamente eu me sinto bem melhor devido às pedaladas”, avalia.

Questionado sobre a vontade de comprar um carro, Carlos responde que até cogita a possibilidade, mas não deixaria de utilizar a



A frota da cidade de Fortaleza possui cerca de 800 mil veículos; os acidentes chegaram a 26,5 mil em 2011



Pesquisa do DET visa identificar as prioridades de mobilidade no Campus do Pici (acima); estacionamento ainda é problema

Lei de Mobilidade Urbana

1. Municípios com mais de 20 mil habitantes devem elaborar planos de mobilidade integrados aos planos diretores. Atualmente, a obrigação é imposta apenas aos que possuem mais de 500 mil habitantes.

2. Nos municípios sem transporte público, o Plano de Mobilidade deverá ter o foco na infraestrutura para transporte não motorizado e ao deslocamento a pé ou por bicicleta.

3. Se os municípios não elaborarem o plano no prazo, não receberão os recursos orçamentários federais destinados à mobilidade até que atendam à exigência da lei.

bicicleta no deslocamento ao trabalho. “A bicicleta já cobre boa parte das minhas necessidades de locomoção. Tento apenas evitar sair no fim de semana por conta do risco. Se comprar um carro, vou continuar andando de bicicleta durante a semana”, garante.

UM CARRO A MENOS

O Prof. Riverson Rios, do Instituto de Cultura e Arte da UFC (ICA), é um perfil um tanto atípico. Não porque vai de ônibus para o trabalho todos os dias, mas sim porque optou por fazer isso mesmo diante da possibilidade de utilizar o carro. Quatro quilômetros separam sua residência do Campus do Benfica, e esse trajeto é feito sempre de ônibus, salvo dois dias na semana, quando ele volta para casa a pé. “É a forma que encontrei para caminhar e relaxar. E ainda economizo”, brinca.

O desapego ao carro, aliás, vem de longe. Ainda na infância, o professor costumava se locomover com a família de táxi, já que os pais não possuíam carro. O problema é que o pai sempre sobrava, pois os três filhos e as esposas lotavam o automóvel. Na maioria das vezes, a solução encontrada por seu Paulo era ir a pé ou de ônibus. Já adolescente, Riverson resolveu ser solidário ao pai e passou a acompanhá-lo nas longas caminhadas.

Apesar de encarar o transporte público sem sofrimento, Riverson Rios admite que há, sim, me-



PESQUISA

Professores do Departamento de Engenharia de Transportes da UFC organizaram pesquisa, em maio, para identificar as prioridades de mobilidade no Campus do Pici. Ampliação de vagas na Universidade, construção de novos blocos e aumento na aquisição de carros estão tornando os estacionamentos cada vez mais disputados na UFC.

lhorias a serem feitas. “No Canadá, por exemplo, todo mundo vai pro trabalho de transporte público”, relata ao lembrar o período em que esteve no país, de 1994 a 1998, quando fez doutorado. O professor resume a opção que fez como “um carro a menos nas ruas”, o que, em sua opinião, já significa muito. “Um carro a menos para poluir o meio ambiente, para atropelar as pessoas e para atrapalhar o trânsito”, sentencia. Ele afirma que possui um carro, mas só utiliza quando está com os filhos ou durante o final de semana. Como redução de danos, opta sempre por veícu-

los pequenos, que poluem menos e ocupam menos espaço nas ruas.

A psicóloga Gislene Macêdo explica que o transporte público ainda é estigmatizado socialmente, pois é associado à falta de recursos financeiros. “Isso é um equívoco da nossa sociedade, que construiu a imagem do transporte individual motorizado associado também ao status social, então estar parado num ponto de ônibus pode ser encarado como não ter posses”, explana.

INVESTIMENTO PÚBLICO

No início deste ano, a presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei nº 12.587/2012, que institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana e dá prioridade a meios de transporte não motorizados e ao serviço público coletivo, além de prever a integração entre os modos e serviços de transporte urbano. O que poderia ser considerada uma iniciativa louvável é apontada como contraditória por ambientalistas e estudiosos de mobilidade urbana, já que, em maio deste ano, o governo anunciou a redução do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) dos carros. A medida já aumentou 11,53% das vendas de automóveis, veículos comerciais leves, ônibus e caminhões novos no Brasil, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

A Profª Gislene Macêdo avalia essa decisão como um entrave à mobilidade urbana e ressalta que,

no Brasil, deveria existir uma política de não incentivo à compra dos motorizados individuais. “Esse mesmo governo que aprovou a lei de mobilidade urbana é o governo que também estimula o consumo e a compra de automóveis e combustíveis para manter o que eles chamam de economia estável, que beneficia muito mais a indústria automotiva e menos a população brasileira. Além da saúde, ainda há o endividamento causado pela aquisição do transporte motorizado”, aponta.

Refletir sobre o crescimento desenfreado de carros e motocicletas nas ruas é, infelizmente, admitir mais acidentes nas vias. Dados do DETRAN – CE mostram que, em 2011, ocorreram 26.525 acidentes de trânsito no Estado do Ceará, deixando 2.091 pessoas mortas e 12.214 feridas. Os números expressivos, na avaliação da docente de Sobral, são um indicativo de que algo tem de ser feito (e com urgência) para que sejam implementadas iniciativas menos danosas de locomoção.

Metrô, ônibus, integração, bicicleta, ciclovias, planejamento, pessoas, conforto, segurança e mais. Os dados já dão o alerta de que é preciso promover uma mobilidade eficiente e sustentável para as pessoas. Enquanto isso, as perdas humanas e materiais só aumentam. “O que mais precisa pra gente acordar?”, indaga Gislene Macêdo. Eis o verdadeiro imbrólio. 

Luiz Gonzaga: vivo na memória do povo e na música popular brasileira

No ano em que se comemora o centenário do Rei do Baião, o *Jornal da UFC* relembra a caminhada do nordestino que conquistou o Brasil empunhando no peito uma sanfona



Ele renovou o jeito de tocar a sanfona, apresentou um Nordeste alegre para o povo do sul, levantou a cabeça do homem nordestino e transformou a forma de se dançar junto, agarradinho. Através do baião, do forró, do xamego e do xaxado, consagrou-se na música popular brasileira como o Rei do Baião. Segundo de uma prole de nove filhos do casal Januário dos Santos e Ana Batista, cabocla conhecida por Santana, Luiz Gonzaga do Nascimento veio ao mundo em 13 de dezembro de 1912. No agreste de Pernambuco, Região do Araripe, em Exu, Gonzaga aguçava os ouvidos enquanto o velho Januário afinava as sanfonas, como ele mesmo costumava dizer. O pai trabalhava na roça, mas nas horas vagas tocava sanfona e consertava instrumentos. Ainda menino, vendo o pai, Gonzaga também tomou gosto pela música. Começou a tocar aos oito anos e, na adolescência, já era conhecido no Araripe e em toda a redondeza.

Antes mesmo de atingir a maioridade, Luiz Gonzaga apaixonou-se por uma moça de nome Nazaré. Impedido de viver a paixão, em 1929, fugiu para o Crato, no Ceará, e alistou-se como soldado do Exército, escola dos pobres, como costumava dizer. Sua vida de viajante iniciou durante as missões militares da Revolução de 30, quando, vestido de militar – e atendendo por soldado Nascimento – percorreu o Brasil.

Fez morada em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde ficou conhecido por sua habilidade como acordeonista. Tentou ingressar na banda do Exército, mas foi reprovado por não saber a escala musical. “Sabendo de seu interesse pela música, certa vez, o maestro chamou Luiz Gonzaga e disse: ‘dê um si-be-mol maior’. Luiz não soube fazer e, anos mais tarde, já consagrado como artista, dizia nunca ter descoberto o que o maestro havia pedido”, comentou a Prof^a Sulamita Vieira, do Departamento de Ciências Sociais da UFC. A pesquisadora também é estudiosa de Luiz Gonzaga e autora do livro “Sertão em Movimento – A dinâmica da produção cultural”, fruto de sua tese de doutorado.



MEMÓRIA

“Minha vida é andar/
Por este país/ Pra ver se
um dia/ Descanso feliz.
Guardando a recordação/
Das terras onde passei/
Andando pelos sertões/
Dos amigos que lá deixei...”
(Vida de viajante, 1953)



Em 1939, Gonzaga deu baixa das Forças Armadas e seguiu rumo ao Rio de Janeiro com bilhetes já comprados para Recife, de onde seguiria até Exu. A volta para o Sertão ocorreria apenas em 1946, já como artista consolidado. Na década de 1940, com o xamego instrumental “Vira e Mexe”, impressionou o público no programa de calouros de Ary Barroso, na Rádio Tupi, obtendo lá nota máxima. A canção foi o seu primeiro grande sucesso e também a sua primeira música gravada em disco. “Com o sucesso de Vira e Mexe, Luiz Gonzaga disse ‘Ah, achei o caminho do Norte’. Essa frase é muita rica e muito interessante para pensar que naquele momento ele achou o Norte (região), embora não tenha dito com essa intenção. E o Norte que eu chamo é aquilo que vai diferenciá-lo de outros artistas”, reflete a Prof^a Sulamita Vieira.

O Norte ou Nordeste não se restringiu ao ritmo dançante entoado pela sanfona de Luiz Gonzaga. O artista foi mais esperto e adotou a indumentária do vaqueiro e do cangaceiro. De acordo com as pesquisas feitas pela Prof^a Sulamita, Gonzaga dizia que, apesar de cantar acompanhado da sanfona, sentia a falta do couro. “O chapéu no Lampião é uma coisa, mas em Gonzaga é uma coroa. Essa indumentária típica do Nordeste evoca a lembrança do cangaceiro, mas não somente. Luiz Gonzaga estampa um riso aberto e uma sanfona no peito. Ele evoca a alegria do Nordeste”, avalia a pesquisadora.

Além de ritmo, o Nordeste ganhou ar de poesia nas canções de Gonzaga. Isso se deu através da parceria com diversos poetas, entre eles o advogado cearense Humberto Teixeira e o médico José de Souza Dantas. Ao lado de Teixeira, em 1947, o Rei do Baião gravou “Asa Branca”, sua música mais simbólica e muito reverenciada pelos artistas. Isso sem falar da canção intitulada “Baião”, responsável pelo epíteto de Rei do Baião. Já da parceria com Zé Dantas, surgiram, entre outras canções, “Cintura Fina” e “Vem More-

FOLCLORE

"O chapéu no Lampião é uma coisa, mas em Gonzaga é uma coroa. Essa indumentária típica do Nordeste evoca a lembrança do cangaceiro, mas não somente. Evoca a alegria do Nordeste." (Profª Sulamita Vieira)

na", músicas que certamente muitos homens gostariam de ter feito para suas amadas.

Já conhecido por seu talento com a sanfona, Gonzaga era impedido de dar sua voz às canções. Os amigos de trabalho o desencorajavam por ter voz de "taboca rachada". Manezinho Araújo era um deles. Em 1943, Gonzaga irritou-se com a interpretação de Manezinho na música "Dezesse e Setecentos", e passou a cantá-la, ainda que a contragosto de amigos. Em 1945, como sempre quis, gravou seu primeiro disco tocando e cantando. E impressionou pelo timbre de voz e desenvoltura para cantar. Daí em diante, não calou mais.

PORTA-VOZ DO SERTÃO E DO NORDESTE

No início do século XX, pouco se sabia do Nordeste brasileiro. Nos jornais e revistas, descrevia-se apenas um Nordeste de secas, de penúria e dos flagelados. A partir dos anos 1940, com a chegada de Luiz Gonzaga ao Rio de Janeiro, essa imagem ganhou novos contornos nas canções do Rei do Baião.

"Na música, ele cantou o Nordeste da seca, mas também evocou um Nordeste de prazer, de riqueza, de fartura, de alegria, de gente bonita e trabalhadora, de mulher que desperta paixões, de homens valentes", enfatiza a Profª. Sulamita Vieira, que se deteve em sua pesquisa a investigar como se falava do Nordeste nos periódicos, como a revista "O Cruzeiro", e nas canções de Gonzaga.

Se suas canções ajudaram a pintar novas cores do Nordeste, ajudaram ainda mais a reconstruir a autoestima do povo nordestino. De repente, o retirante, identificado pelo sofrimento, viu-se representado no sul do País por um homem alegre que também saiu do agreste. "Essas pessoas do meio rural se tornaram, como Luiz Gonzaga, retirantes, com um pé no Interior. Para elas, a canção nada mais é do que um retrato da própria vida", diz José Rômulo, produtor do programa Reouvindo o Nordeste, veiculado na Rádio Universitária FM 107,9 desde 1981.

O servidor público da UFC Arlindo Barreto, lotado no Campus do Benfica em Fortaleza, é um desses homens que veio do Interior e viu na música de Luiz Gonzaga a oportunidade de ficar mais perto do seu lugar de origem. Natural de Crato, no Ceará, Arlindo tomou gosto pela música do Rei do Baião ainda na infância, por influência do pai. "Eu gosto de tudo do Luiz Gonzaga e o escuto cotidianamente para me lembrar do Sertão. Se eu pudesse, já teria ido embora daqui e voltado para o Crato", confessa emocionado Arlindo Barreto, que possui 89 LPs e 45 CDs do artista. "Eu vou pro Crato", dentre todas as canções, é a sua favorita. 🕌



LEGADO DE GONZAGÃO

DIVULGAÇÃO



Waldonys foi apresentado a Luiz Gonzaga pelo padrinho Dominginhos

Mais que influenciar artistas, Luiz Gonzaga quis perpetuar o forró e a sanfona. O sanfoneiro cearense Waldonys é um exemplo desse desejo. Por indicação de Dominginhos, padrinho de Waldonys, Gonzagão veio a Fortaleza conhecer o menino que, aos 12 anos, já tocava sanfona. "Quando ele chegou aqui em casa, toquei um *pout-pourri* de quatro músicas dele. Depois, ele me deu uma sanfona de uso pessoal e me levou para o eixo Rio-São Paulo, onde tudo acontecia", lembra Waldonys, afilhado e discípulo de Luiz Gonzaga.

Com o impulso do Rei do Baião, Waldonys conseguiu contrato com gravadoras e subiu nos palcos Brasil a fora. Em agradecimento, o primeiro disco do sanfoneiro alencarinense, em 1992, recebeu o título de "Viva Gonzagão". "Em todo show, faço uma homenagem. Com isso, tento mostrar para as pessoas como o forró foi criado e que, se a gente não tomar de conta, vai ficar em extinção", declara o sanfoneiro.

Luiz Gonzaga faleceu em 3 de agosto de 1989, vítima de uma parada cardiorrespiratória. No dia seguinte à sua morte, um artigo do jornalista Luiz Antônio Giron, no *Estado*, chamava a atenção. "Luiz Gonzaga ofuscou o passado da música nordestina, selecionou o que a tradição tinha de mais eficaz e assumiu a função de ponto de referência da cultura popular brasileira", pontua. Apesar de não possuir o domínio teórico da música, o artista conseguiu revolucionar o forró e criar o baião. Cantou nos pequenos povoados e jantares de grandes homens. Para todos, deixou poesia em letra e melodia, registrada em mais de 600 músicas e 266 discos.



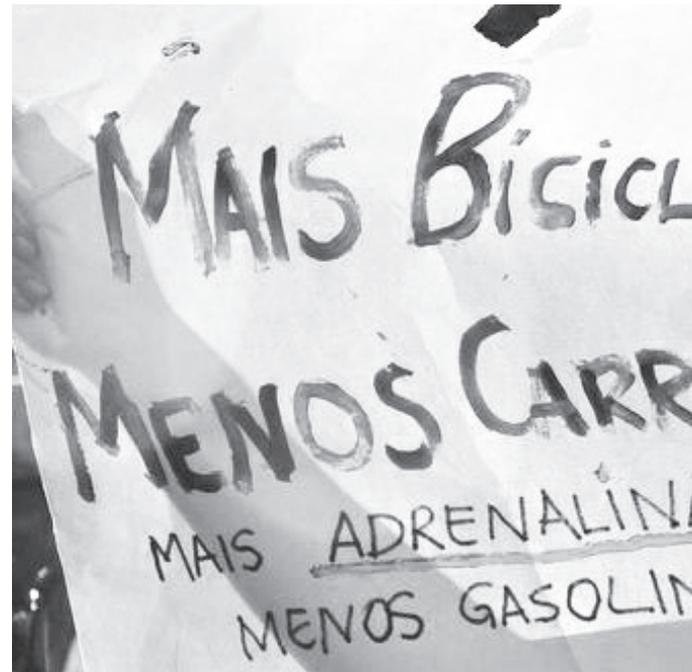
Cerca de 90 LPs e 45 CDs compõem a coleção de Arlindo Barreto



Para a Profª Sulamita Vieira, cantor eternizou imagem icônica

A sustentabilidade para além do discurso

Por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), realizada neste mês, o *Jornal da UFC* apresenta iniciativas e pesquisas que trazem a reflexão sobre sustentabilidade na prática



ACERVO PESSOAL

Deodato Aquino ministrou palestra sobre créditos de carbono na Rio+20



Hugo faz compostagem em casa e incute no filho Caio consciência ambiental

Na casinha colorida com ares de castelo em pleno jardim, o pequeno Caio trava batalhas, empreende jornadas e descobre tesouros. Isso tendo sempre ao lado os fiéis companheiros: Hulk, o pintinho, e Estrela, a *poodle*. “Esse menino tem um ano e oito meses e, hoje, já arranca um tomatezinho do pé, uma cebolinha e come. Gosta até de rúcula, que é picante. A gente vai ao mercantil e ele fica dizendo: ‘mamão’, ‘banana’, ‘tomate! É um prazer que não dá para medir”, relata Hugo Theophilo, pai de Caio e arquiteto de toda essa estrutura de aprendizado, fantasia e contato com a natureza.

Motriz das incursões culinárias de Caio, o jardim-pomar de Hugo é, para além de um cultivo, uma ação de sustentabilidade. Dando vigor às plantas está o adubo que ele produz em casa, através do trato do lixo doméstico em uma estrutura chamada “lixeria verde”. Trata-se de três baldes de plástico, nos quais são depositados os resíduos juntamente a folhas secas. Após um período de fermentação dessa mistura são inseridas minhocas que transformam o material orgânico decomposto em adubo. “Estou fazendo isso há dois anos e o legal é que você não apenas reduz a quantidade de lixo que produz, como passa a produzir um adubo muito rico. Como passei a ter muito adubo, comecei a plantar; uma coisa chamou a outra”, afirma.

Único representante no Estado do movimento paranaense “Do meu lixo cuidado eu”, Hugo Theophilo atua ainda na capacitação de interessados em reduzir a quantidade de resíduos que se coloca na calçada. Para tanto, orienta, através de oficinas, palestras e vídeos na Internet, sobre técnicas do processo de compostagem – obtenção de material semelhante ao solo após decomposição de matéria orgânica – e construção da “lixeria verde”. “Pode

ser feita até em apartamento, porque não junta bicho, não fede, não vaza. No começo, requer mudanças de hábitos. Aqui mesmo dentro de casa foi difícil de mudar”, avalia.

RESÍDUOS SÓLIDOS NO BRASIL

A partir das estatísticas de resíduos sólidos no Brasil, percebe-se que iniciativas similares à de Hugo Theophilo no trato do lixo orgânico apresentam relevância não apenas em um contexto doméstico, mas social do País. Segundo números divulgados, em abril deste ano, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), são coletadas, por dia, no Brasil, mais de 183 mil toneladas de resíduos sólidos. A matéria orgânica representa 51,4% do lixo diário e o material reciclável soma 31,9%. Ainda segundo estudos, desta vez, realizados pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), mais de 60% dos municípios brasileiros deram destinação inadequada aos seus resíduos no ano passado. A geração *per capita* de lixo do País foi de 381,6 kg por ano, valor 0,8% superior a 2010.

Em vigor desde 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, dentre outras medidas, determina o fechamento de lixões até 2014 e sua substituição por aterros sanitários. Também recomenda a elaboração de planos de resíduos sólidos nos municípios até 2015. Mas enquanto as políticas públicas não mudam grandes cenários, Hugo vai mobilizando e construindo a sustentabilidade na sua vizinhança. “Como a gente perdeu o hábito de conhecer o vizinho, isso vai ser um motivo pelo qual vamos ter de descobrir um espaço pra ir pegar folhas. O cara que tem a árvore, mas não faz isso em casa, arruma as folhas e faço o trabalho com o lixo dele; cria-se uma rede de

LUANA LIMA



Militante ambiental, a jornalista Janayde Gonçalves opta cotidianamente por meio de transporte saudável, silencioso e não poluente

relacionamentos bem interessante com isso”, destaca.

CONSUMO E SUSTENTABILIDADE

O aumento da produção de lixo no Brasil tem nos fatores crescimento econômico, inserção social e ampliação do poder aquisitivo de classes C e D, sem dúvida, seus principais gatilhos. De acordo com pesquisa da IPC Marketing Editora, o consumo dos brasileiros irá ultrapassar, este ano, a marca de R\$ 2,7 trilhões. O interessante é que outro estudo, dessa vez conduzido pela Nielsen Company, mostrou que quase metade dos brasileiros (46%) está disposta a pagar mais por produtos e serviços que venham de empresas com programas sustentáveis.

Tendência global, a demanda por produtos e métodos com respeito ao meio ambiente atua como pressão para que empresas reformulem suas estratégias. Durante o lançamento do Guia Rio+20, contendo informações sobre a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), no último dia 30 de maio, no Rio de Janeiro, a presidente-executiva do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (Cebds), Marina Grossi, destacou a importância de novas atitudes empresariais. Na ocasião, a executiva afirmou que empresas que não se adequarem a esse anseio da sociedade irão perder mercado.

Apesar das exigências cada vez maiores da sociedade acerca das questões ambientais, a resposta ainda tem sido tímida por parte das empresas no País. É o que avalia a Prof^a Mônica Cavalcante, que coordena o Laboratório de Estudos em Competitividade e Sustentabilidade (LECoS), do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Con-

REGULAÇÃO

“As empresas estão percebendo essa questão das mudanças climáticas, mas, infelizmente, adotam uma postura bem evasiva com relação a isso. Elas apenas respondem às pressões”
(Prof^a Mônica Cavalcante)

tabilidade e Secretariado Executivo (FEAAC). “As empresas estão percebendo essa questão das mudanças climáticas, mas, infelizmente, adotam uma postura bem evasiva com relação a isso. Elas apenas respondem às pressões”, analisa.

Para a estudiosa, a indefinição de papéis claros de ações de empresas e ações de governo e a falta de organismos regulatórios mais fortes têm mantido o Brasil distante dos patamares ideais de sustentabilidade organizacional. “Estudei empresas na Inglaterra e, lá, elas não atuam fazendo essas ações, pois têm claramente que isso é um papel do governo prover esses benefícios sociais. Para eles, o papel da empresa é reduzir ao máximo o impacto ambiental. O que acontece no Brasil é que, como o governo não consegue suprir as necessidades básicas da sociedade, as empresas acabam incorporando isso, para dar uma resposta. Os papéis se confundem, e a sociedade também fica confusa”, aponta.

EMISSIONES DE CO²

Acidentes, desconforto pela ausência de arborização, falta de respeito concretizado em buzinas, hostilidades e xingamentos. Tudo isso a jornalista Janayde Gonçalves

já enfrentou durante suas andanças pela cidade. Ironicamente, o motivo de tantos infortúnios tem bases na prática de um transporte mais democrático e humanizado: ela é adepta da bicicleta como meio de locomoção. “Passei dois anos usando, exclusivamente, a bicicleta como meio de transporte. Este ano ficou inviável por conta dos horários e locais para onde preciso me deslocar. Uso a bicicleta por ser saudável, silenciosa e não poluente”, expõe.

Defensora do trânsito consciente, Janayde vê nas pedaladas mais do que um ato de promoção de hábitos saudáveis, com a diminuição de emissão de gases tóxicos, mas um incentivo à construção de uma estrutura de tráfego mais sadia. “Bicicleta não é brinquedo, é veículo não motorizado, e o lugar dela não é só no parque, é nas ruas, ao lado de motoristas civilizados, humanos e conhecedores do Código de Trânsito Brasileiro. As vantagens são a diminuição dos congestionamentos, da emissão de poluentes, além da ocupação das vias públicas pelo público e não pelos bens privados, que são os carros; ideia que é fruto da cruel, estúpida, fantasiosa e pouco inteligente indústria automobilística”, argumenta.

Contundente, o discurso da jornalista amante do ciclismo ganha ainda mais relevo quando visualizamos as estatísticas acerca da emissão de CO² na atmosfera. No ano passado, o mundo atingiu um triste recorde de 31,6 bilhões de toneladas lançadas como resultado da queima de combustíveis fósseis. Realizado pela Agência Internacional de Energia (AIE), o levantamento mostra ainda que o máximo que as emissões podem atingir por ano são 32,6 bilhões de toneladas, a fim de que o aumento da média da temperatura global não ultrapasse 2°C.

UFC NA RIO+20

A Universidade Federal do Ceará participou de diversos espaços da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), realizada de 13 a 22 de junho na Capital fluminense. O Diretor do Centro de Ciências Agrárias, Prof. Luiz Antônio Maciel de Paula, esteve presente, juntamente com representantes ambientais de vários estados, para divulgar a “Declaração da Caatinga”, resultado da I Conferência Regional de Desenvolvimento Sustentável do Bioma Caatinga. O documento foi apresentado em painel pelo Superintendente Estadual do Meio Ambiente (Semace), José Ricardo Araújo.

Mercado recente e promissor, a negociação de créditos de carbono foi o assunto de conferência ministrada pelo doutorando em Engenharia Agrícola Deodato Aquino. Ele investiga o potencial de créditos de carbono nas áreas de preservação permanente e reserva legal em projetos de assentamento na caatinga. A negociação se dá na seguinte proporção: a cada tonelada de dióxido de carbono que se deixa de lançar, ganha-se crédito que pode vendido no mercado internacional. Se funciona com empresas, também pode funcionar com agricultura familiar. “Só pra você ter uma ideia de como a coisa está lucrativa, nesses últimos anos movimentou mais de 12 bilhões esse comércio de créditos de carbono. É um novo mecanismo do capitalismo, que é chamada “Economia Verde”. Está se agregando valor econômico a experiências que estão evitando emitir CO² para a atmosfera”, explica Deodato. A UFC também marcou presença no evento através do Prof. Rodrigo Nogueira Machado, do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação. O docente integrou a equipe de intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em conjunto com profissionais da Inglaterra, Holanda, Estados Unidos, Canadá e Brasil. O convite foi feito pela Coordenação de Acessibilidade e Inclusão Social do evento.



Seminário discute UFCA

A Direção do Campus da Universidade Federal do Ceará no Cariri, juntamente com as coordenações dos Grupos de Trabalho para implantação da Universidade Federal do Cariri (UFCA), reuniu a comunidade acadêmica daquele campus no mês de maio para uma atividade de planejamento. Professores, servidores técnico-administrativos e alunos participaram do I Seminário sobre a implantação da UFCA para discutir os rumos que o campus tomará após sua desvinculação da estrutura administrativa da UFC.

Estrutura reforçada

O Grupo de Pesquisa em Engenharia Estrutural (GPEEC), do curso de Engenharia Civil do Campus do Cariri, criou uma estrutura espacial de aço até 56% mais resistente do que a hoje utilizada em obras. Trata-se de um tipo de rede metálica aplicada, por exemplo, na cobertura de galpões e postos de gasolina. O resultado será publicado no *10th World Computational Mechanics*, em São Paulo. A equipe foi composta pelo Prof. André Freitas e pelos alunos bolsistas Rafael Araujo, Geversson Araujo e Emanuel Sousa.

Notas musicais

Dois pesquisadores do curso de Música do Campus de Sobral apresentarão trabalhos em importantes congressos internacionais. São eles os professores Leonardo Borne e Marco Antonio Toledo Nascimento, que estarão na Grécia, em julho, e no Canadá, em novembro. Para cada evento, eles levam três trabalhos. Um artigo de cada congresso foi escrito em parceria com a Escola de Música de Sobral, na pessoa do maestro José Brasil.

Solenidade e publicações marcam centenário de Waldemar Alcântara



O Ex-Governador Lúcio Alcântara, filho do homenageado, falou em nome da família durante o evento

O Conselho Universitário (Consuni) da Universidade Federal do Ceará promoveu, na noite do dia 21 de junho, sessão solene no Auditório da Reitoria em homenagem aos 100 anos do médico, professor e político Waldemar Alcântara (1912-1990), Ex-Diretor da Faculdade de Medicina. O saudoso homenageado, pai do Ex-Governador Lúcio Alcântara, foi também senador, governador, deputado federal e estadual do Ceará. A ocasião marcou o lançamento dos livros "A Faculdade de Medicina e sua ação renovadora", em edição fac-similar, de autoria do jornalista J. C. Alencar Araripe (1921-2010), e "Waldemar do Ceará e dos Alcântaras", da jornalista Cláudia Albuquerque.

A noite de homenagens foi aberta pelo Prof. Elias Boutala Salomão, da Faculdade de Medicina. O docente destacou que "fundar uma Faculdade de Medicina em

PIONEIRISMO

O orador da noite, Prof. Elias Boutala Salomão, destacou a coragem de Waldemar Alcântara e dos demais "homens de ouro" que ajudaram a fundar a Faculdade de Medicina

um Estado pobre, porque não dizer miserável, nos idos de 1948, foi um ato de heroísmo dos cinco homens de ouro, que à época, juntaram os seus esforços e, até com prejuízo de ordem econômica, familiar e profissional, atingiram seus objetivos". Os "homens de ouro" a quem o orador se referiu foram Juradyr Picanço, José Carlos Ribeiro, Newton Gonçalves e Walter Cantídio, além do próprio Waldemar.

Em nome da família do homenageado falou seu filho, o Ex-

Governador Lúcio Alcântara. Ele recordou memórias e passagens de vida de Waldemar Alcântara, indo além das atividades enquanto político e administrador.

Em seu discurso, o Reitor Jesualdo Pereira Farias afirmou se tratar de um dos momentos mais significativos para a Universidade. "É um evento revelador do quanto a UFC tem contribuído para a sociedade, como celeiro de figuras exponenciais, que se destacaram não apenas na atividade acadêmica, mas também na vida pública, nas profissões liberais, nas lideranças empresariais, no segmento sindical, nas organizações não governamentais", disse.

O Reitor ressaltou que a Instituição vem reunindo, "as peças de um grande tabuleiro que recontam sua história". Neste ínterim, destacou a implantação do Memorial da UFC. Na solenidade, os convidados receberam ambos os livros.

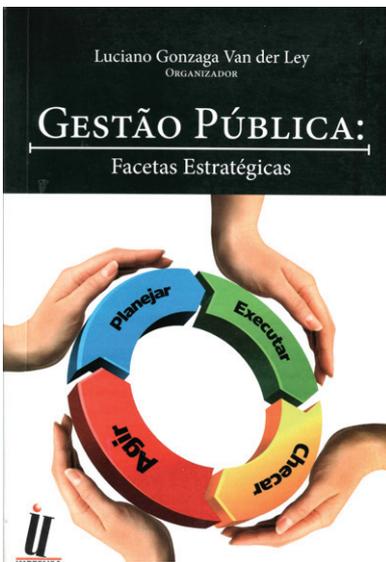
Acreditamos que a educação é o caminho mais seguro para a promoção do crescimento social.

É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.



Livros e publicações

Gestão pública: facetas estratégicas



Organizador: Luciano Gonzaga Van der Ley
Fortaleza: Edições UFC, 2011 - 375p. - R\$ 30,00

Com a reforma administrativa de 1967 e as emendas à Constituição em 1988, a administração pública no Brasil passou por várias transformações que exigiram, das organizações, adequações. O livro oferece uma coletânea de artigos que atualizam temas estratégicos para uma eficiente gestão pública: planejamento orçamentário, responsabilidade fiscal, democracia, planos de cargos e carreiras, gestão de informação e arquivos, gestão de qualidade, suprimentos de fundos, questões administrativas e políticas em períodos eleitorais e atuação de ouvidorias, dentre outros.

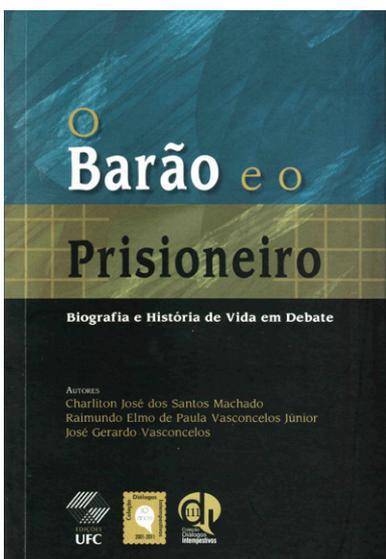
Educação Ambiental e Sustentabilidade III



Organizadora: Kelma Socorro Alves Lopes de Matos
Fortaleza: Edições UFC, 2012 - 331p. - R\$ 25,00

Os artigos reunidos na obra têm em comum a perspectiva de um modelo de educação que privilegie não a competitividade e individualismo, e sim, a adoção de atitudes de cooperação, levando em conta o semelhante e o meio ambiente, com vistas a uma vida sustentável. A partir daí, diversas ideias e experiências envolvendo educação e sustentabilidade são apresentadas. De permacultura à formação de ativistas ambientais, de comunicação televisiva à promoção da saúde, de alternativas à poluição sonora à construção da sustentabilidade em assentamento rural.

O Barão e o Prisioneiro



Autores: Charliton José dos Santos Machado, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Jr., e José Gerardo Vasconcelos
Fortaleza: Edições UFC, 2011 - 76p. - R\$ 15,00

História e memória são o foco dessa obra que reúne três textos sobre a oportunidade e conveniência das biografias. "O mundo de Barão de Studart: 1856-1938", sobre o médico, historiador, geógrafo e filantropo cearense; "Na cadeia também se aprende a ler e a escrever: histórias e memórias de Francisco Siqueira de Lima", acerca da vida do presidiário citado no título do artigo, e "Biografia e História de Vida: pesquisas em debate", que analisa os dois textos. "São três trabalhos acadêmicos da melhor qualidade", considera Rui Martinho Rodrigues, na apresentação.

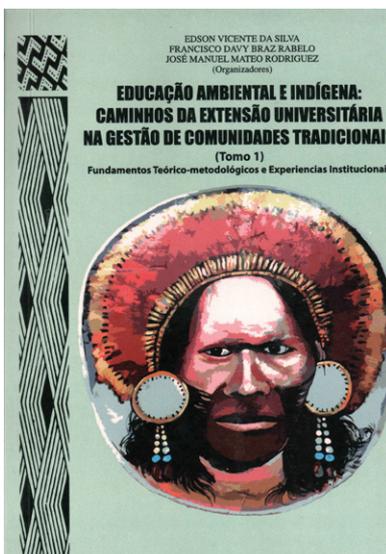
O Elogio do Cotidiano: educação ambiental e a pedagogia silenciosa da caatinga no sertão do Piauí



Autora: Sádía Castro
Fortaleza: Edições UFC, 2011 - 239p. - R\$ 20,00

Livro com base na pesquisa de doutorado da autora no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Na linha da pesquisa etnográfica, ela busca entender como se dá o processo de construção do currículo cultural dos alunos de escolas rurais do entorno de um Parque Nacional daquela região. Destaque para os dilemas entre as comunidades tradicionais dos caçadores da área - que desde os ancestrais têm na caça prática que lhes garante alimento em meio ao clima seco - e as normas ambientais atuais que as autoridades precisam fazer cumprir.

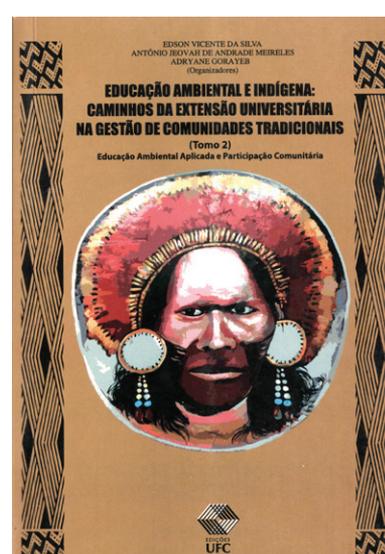
Educação Ambiental e Indígena: caminhos da extensão universitária na gestão de comunidades tradicionais - Tomo I



Organizadores: Edson Vicente da Silva, Francisco Davy Braz Rabelo e José Manuel Mateo Rodriguez
Fortaleza: Edições UFC, 2011 - 137p. - R\$ 20,00

A partir da experiência com extensão universitária na gestão de comunidades tradicionais, o Departamento de Geografia da UFC propôs a organização dessa obra que apresenta, como detalha o Prof. Antonio Salvador, Pró-Reitor de Extensão da UFC, artigos sobre as condições de vida, educação, preservação ambiental e uso sustentável dos recursos naturais, os costumes, música, pintura, artesanato, meios de sobrevivência, danças e as lutas para manter as tradições dos índios no Brasil. Neste primeiro volume, o leitor saberá também como o uso das novas tecnologias se insere na educação indígena.

Educação Ambiental e Indígena: caminhos da extensão universitária na gestão de comunidades tradicionais - Tomo II



Organizadores: Edson Vicente da Silva, Antônio Jeovah Meireles e Adryane Gorayeb
Fortaleza: Edições UFC, 2011 - 139p. - R\$ 20,00

Nesse segundo volume da série sobre Educação Ambiental Indígena, o leitor encontrará artigos que tratam da educação ambiental aplicada e participação comunitária. São destacadas experiências das comunidades Jenipapo-Kanindé, em Aquiraz (CE), Tremembé de São José e Burit, em Itapipoca (CE) e em comunidades ribeirinhas da Amazônia. O ensino da geografia é outro ponto enfatizado em relação à educação indígena e o assunto é tratado tanto de forma geral como específica, no caso, com professores em áreas de reforma agrária.



Em clima de Jogos Olímpicos

As Olimpíadas de Londres estão chegando; conheça o caminho trilhado pelo Ceará nos esportes de alto rendimento e saiba onde pode praticar atividade física na UFC



Você já deve ter ouvido a expressão “esporte de alto rendimento”. Sabe o que é? São esportes que “têm a finalidade de alcançar níveis olímpicos. Trata-se de modalidades esportivas que requerem um treinamento extremamente extenuante. Treino pesado é o que define o esporte e o treino de alto rendimento”, explica o diretor do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará, Antônio Barroso Lima. Em julho, você certamente deve acompanhar o desempenho de atletas de alto rendimento de vários países nos Jogos Olímpicos de Londres.

Boxe, basquete, futebol e ginástica são algumas das 35 modalidades que estarão presentes no evento. De acordo com Antônio Barroso Lima, nos últimos anos o Ceará vem adquirindo destaque com atletas de alto rendimento em esportes como o vôlei de praia masculino e feminino, o tênis de mesa, o *tae kwon do* e o futsal. “Começamos a aparecer também em algumas provas no atletismo e mais ainda no desporto de vela e no kitesurf, em que já tínhamos uma tradição”, comenta.

Esse destaque, muitas vezes, deve-se ao esforço pessoal dos atletas. O professor critica a falta de investimento no esporte local, tanto por parte da iniciativa pública, quanto da privada. “Hoje, não se faz mais esporte de alto rendimento sem estrutura econômica dando suporte. Viagens custam caro e é



SAIBA MAIS

Os Jogos Olímpicos de Londres serão realizados de 27 de julho a 12 de agosto. Para acompanhar o evento, acesse o site do Comitê Olímpico Brasileiro (www.cob.org.br) ou o endereço oficial da Olimpíada (www.olympics.com).

preciso uma equipe multidisciplinar com o treinador, mas também o fisioterapeuta, o preparador físico, o psicólogo e o médico”. Para ele, a legislação deveria incentivar o patrocínio do esporte, como já ocorre em áreas como a cultura e as artes.

Ele lembra que este ano a equipe de vôlei de quadra da UFC participou da Superliga Masculina de Vôlei – Série B, com um orçamento em torno de R\$ 152 mil. “Fomos para a semifinal e perdemos para uma equipe do Rio Grande do Sul, que tem orçamento de um milhão. Isso faz diferença. Na Superliga A falta espaço nas camisas pela grande quantidade de patrocinadores. Nas nossas, o que temos demais são os espaços. Não faltam bons atletas, falta o pensamento de que investir no esporte dá retorno,” critica.

De acordo com Antônio Barro-

so Lima, a UFC faz parte de uma relação com 150 instituições cadastradas junto à Secretaria dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016 para receber atletas de delegações de outros países que poderão usufruir da estrutura da Universidade em seus treinos.

ESPORTE NO DIA A DIA

Você não precisa alcançar vitórias olímpicas para praticar algum esporte. Durante as férias de julho, o Instituto de Educação Física e Esportes da UFC mantém projetos de extensão onde qualquer pessoa pode dar início à prática de esportes. Em julho, o IEFES vai manter projetos como handebol, basquetebol, futebol de campo e natação para crianças e adolescentes de 11 a 15 anos. As modalidades são praticadas no campus do Pici durante a semana, geralmente no período da tarde. Mais informações pelos telefones (85) 3366.9512 ou 3366.9213.

Para os adultos acima de 40 anos, há o Programa Saúde em Movimento, que tem por objetivo estimular a prática da atividade física num público que geralmente é sedentário. As atividades são realizadas às segundas, quartas e sextas-feiras, das 6h às 8h30min, no Parque Esportivo do Campus do Pici. O projeto combina atividades aeróbicas, como caminhada e corrida, a exercícios de força e flexibilidade. É possível se inscrever durante todo o ano. Informações pelo telefones (85) 3366.9533 ou 9700.9999.



UM POUCO DE HISTÓRIA

Estima-se que os Jogos da Antiguidade surgiram na Grécia há 3.500 anos. As Olimpíadas eram os Jogos que aconteciam na Cidade-Estado de Olímpia. Havia eventos semelhantes em outras cidades como Corinto, Delfos e Alexandria. As Olimpíadas da Era Moderna voltaram a ocorrer em 1896, em Atenas, por iniciativa do aristocrata francês Pierre de Fredy, o Barão de Coubertin (1863-1937). Ele acreditava que os povos europeus, na época em guerra, poderiam trocar os campos de batalha pelas quadras de esportes. Na Grécia Antiga, as guerras eram suspensas por causa dos Jogos, mas na Era Moderna os anseios de Coubertin foram desconsiderados. Em 1916, durante a 1ª Guerra Mundial, não houve Olimpíada. O cancelamento se repetiu na 2ª Guerra por duas vezes: em 1940 e em 1944.



COMER, COMER...

O Comitê Organizador de Londres dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos (LOGOC) planeja fornecer mais de 14 milhões de refeições em 40 locais. Serão cerca de 1,2 milhão de refeições para os atletas, sendo 1.300 diferentes tipos de pratos. Para os espectadores serão mais de 150 tipos diferentes de pratos. Pelo menos 800 chefs vão cozinhar para os atletas, 24 horas por dia. Após uma consulta às delegações das equipes, os organizadores decidiram estabelecer quatro “especialidades” principais de cozinha: asiática, africano-caribenha, “o melhor dos britânicos” e mediterrâneo-ocidental.